REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º 4 entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

13.º ANNO — VOLUME XIII — N.º 428

11 DE NOVEMBRO DE 1890

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO

LISBOA L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA T. DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

CHRONICA OCCIDENTAL

Entrámos francamente em plena epoca theatral e entretanto ao contrario do que aconteceu no anno passado, os theatros tem pouquissima concorrencia e apezar de todos elles terem dado já espectaculos novos, esses espectaculos tem tido quasi por unicos espectadores os bancos da platéa, e raros tem tido a sorte de encher no domingo e nos dias santos, dias em que nos outros annos as enchentes eram certas.

Não me parece que seja necessario procurar muito para encontrar o motivo d'esta falta de concorrencia ao theatro.

Esse motivo está claramente n'esses dois circos de cavallinhos, que ahi estão funccionando este anno todas as noites, e um d'elles com as dimensões colossaes do colyseu da rua de Santo Antão, que comporta a bagatella de oito mil pessoas, isto é, só esse circo leva os espectadores que eram necessarios para dar enchentes á cunha a todos os theatros portuguezes.

O motivo é este e não era preciso ter o dom da prophecia para de ha muito o ter advinhado. Nós, sem de maneira nenhuma termos pretenções a Bandarra vaticinamol-o aqui, quando se principiou a fallar no novo circo, que se ia fazer e confessamos sinceramente que não temos o mais pequeno prazer em ver realisada a nossa prophecia.

Quaes serão as consequencias d'este estado de coisas?

Tambem nos não parece difficil de prever.

E' claro que continuando a falta de concorrencia aos theatros as emprezas não poderão satisfazer os seus compromissos para com os artistas seus escripturados e fecharão as suas portas, e o theatro e a arte dramatica portugueza que já vivia vida atribulada acabará de todo sacrificada em holocausto aos palhaços estrangeiros, aos elephantes amestrados aos leões habilidosos, e aos burros sabios.

E exactamente esta morte da arte nacional em proveito das habilidades estrangeiras coincidirá por um sarcasmo do acaso, com o momento em que por toda a parte se falla em patriotismo, em levantar o espirito nacional, em salvar Portugal do estrangeirismo que o tem abatido, que o tem humilhado, que o levou á humilhação enorme do *ultimatum* de 11 de janeiro.

O theatro é a manifestação litteraria mais brilhante da vida d'um povo.

O governo que subiu ao poder em nome do grande movimento nacional e patriotico consentirá que o theatro nacional morra em proveito dos cavallinhos estrangeiros?

Alimentamos a esperança de que tal não acontecerá tanto mais que o remedio ao mal que ameaça matar os theatros portuguezes é facilimo e alem de facil justissimo e d'um grande alcance patriotico e moral.

Não se trata de prohibir absolutamente os espectaculos dos circos, como aliaz era licito ao governo tratar, desde o momento em que está em jogo a arte dramatica portugueza, a arte que modernamente mais lustre e gloria tem dado ao nome portuguez no estrangeiro, como se demostra facilmente pelos succesos gloriosos dos artistas portuguezes em todo o Brazil, pela viagem triumphal que uma companhia dramatica portugueza fez ha sete annos a Madrid e a Barcelona: trata-se simplesmente de dividir a contenda ao meio e de fazendo n'essa divisão a sua parte á liberdade de industria, o argumento supremo com que se pretende deixar assassinar o theatro portuguez, cuidar tambem de proteger um boccadinho essa pobre arte dramatica nacional com que o paiz nada gasta e que é uma das suas maiores glorias.

E essa divisão é facilima de fazer, afigura-se-nos. Que de maio a outubro se deixem funccionar livremente em Lisboa todos os circos e companhias estrangeiras que cá quizerem vir, e que de novembro a abril a exploração d'essas companhias ou seja francamente prohibida, ou concedida com umas condições onerosas, que equivalham a uma prohibição, e o problema está resolvido.

DR. ANTONIO MARIA DE SENNA — FALLECIDO EM 14 DE OUTUBRO DE 1890

(Segundo uma photographia de Leopoldo Cirne & C.ª)

E' claro que uma lei n'este sentido hade encontrar opposição, como encontram sempre todas as leis proteccionistas, e opposição sobre tudo de quem tem a perder com ellas, mas não nos parece que isso deva ser motivo para qualquer governo ou qualquer parlamento recuar, e que os interesses pecuniarios de meia duzia de sujeitos possam antepor-se aos interesses sagrados d'uma arte, que é uma das mais brilhantes glorias do nosso paiz e que mais conhecido e respeitado o fazem no estrangeiro.

Os outros argumentos que desde já começam por ahi a levantar cabeça são, que esse theatro portuguez em que se falla é um theatro que vive todo de traducções e de traducções de peças immoraes e pronographicas, e que o publico se deserta o theatro pelo circo é que gosta mais do circo, e que está no seu pleno direito de se divertir onde mais se apraz, etc, etc.

A resposta a este ultimo argumento é tudo o que ha de mais simples. Ao governo incumbe superiormente a orientação do gosto do publico, a educação do seu criterio e portanto corre-lhe o dever de o educar, de fazer nascer e desenvolver n'elle o gosto pelas bellas artes que é o caracteristico dos povos civilisados.

Emquanto ao primeiro argumento responde-se-lhe com a renovação theatral que n'estes ultimos annos se tem operado, com o renascimento d'uma litteratura dramatica que ainda no anno passado se accentuou brilhantemente e que n'este anno tende a continuar-se porquanto no Theatro de D. Maria está em ensaios um drama original o *N'guva* do sr. Joaquim Miranda que será seguido de mais duas peças historicas originaes — *A Morta*, do sr. Lopes de Mendonça e o *Alcacer Kivir* do sr. D. João da Camara, no Gymnasio já se representou um original em um acto e estão em preparação mais originaes e na Trindade entrou ha dois dias em ensaios uma opera comica com poema e musica portuguezas.

E' claro que de um dia para o outro não se faz uma litteratura dramatica original, não se anniquila a tutela das litteraturas estrangeiras implantada durante muitos annos pela falta de confiança dos emprezarios nos trabalhos originaes, pela falta de incitivo do publico, pela exigua retribuição d'esses trabalhos.

Agora ha dois annos a esta parte a situação tem mudado.

Os emprezarios que d'antes fugiam dos originaes são hoje os primeiros a pedirem-n'os, porque veem que essas peças lhes dão successo muito superior ás estrangeiras como aconteceu na epoca finda. O publico começava a frequentar de preferencia os theatros com peças originaes e tudo fazia esperar que continuando este movimento de sympathia pelos trabalhos nacionaes, esta aragem de felicidade a bafejar as obras portuguezas, o nosso theatro se libertasse muito em breve das traducções que o enxameiam e começasse a viver só de si, a ter vida propria e brilhante.

Agora porem com dois circos a tirarem quotidianamente o publico aos theatros, a deixarem-lhes as suas salas ás moscas, mesmo em noites de peças novas, como ainda ha noites aconteceu com o theatro do Gymnasio, na *première* do *Condecorado*, e o theatro da Rua dos Condes na *première* dos *Criados*; o que ha a esperar de uns theatros, senão que á força de perder dinheiro fechem as suas portas, o que ha a esperar d'esses litteratura que renasce senão que morra ao seu renascimento, pela desorientação do gosto do publico, e pelo desleixo culpavel dos governos e dos poderes a quem cabe a direcção superior do paiz?

Voltaremos ao assumpto que é de magna importancia nacional e confiamos que um governo em que figuram homens verdadeiramente superiores, espiritos dos mais alevantados, talentos dos mais brilhantes e dos mais gloriosos da nossa terra como Antonio Candido, Thomaz Ribeiro, e Antonio Ennes, o eminente dramaturgo não deixará assim assassinar o theatro portuguez, matar a arte dramatica nacional.

* * *

Como dissemos os theatros portuguezes começam já a sua campanha de inverno. D. Maria deu a *Lucta pela vida*, a que já nos referimos largamente e que não conseguiu agradar, demorando-se pouquissimo tempo no cartaz.

O Gymnasio deu já duas comedias novas: a *Taboa de Salvação* que agradou muito mas não chamou concorrencia, e a famosa comedia de Meilhac *Condecorado* que teve um exito collossal em Paris e que no Gymnasio tem um desempenho muito correcto e mesmo por vezes brilhante por parte de Beatriz, Soller e Eloy. A comedia agradou muito na primeira noite, e emquanto a *successo* de camaroteiro nada podemos dizer pois escrevemos no dia em que ella se deve representar pela 2.ª vez.

A Trindade teve uma peça nova *A Noiva dos Gyrasoes*.

A musica é de Audran, bonita deveras, e alguns numeros verdadeiramente deliciosos.

O poema é engraçado e se em vez de traduzido fosse um bocadinho mechido tendo em vista o gosto do nosso publico ficaria um poema magnifico.

A sr.ª D. Guiomar Torrezão limitou se a traduzil-o, e a traduzil-o como uma senhora o pode e deve traduzir, isto é com uma descripção que não se condura muito com as exigencias um pouco *alertes* d'este genero de trabalhos.

O desempenho é excellente por parte de Cinira Polonio, Florinda, Amelia d'Avellar, e dos actores Joaquim Silva, Leoni, Queiroz, Ribeiro, Portugal.

S. Carlos abriu as suas portas no dia 30 do mez passado com a *Gioconda* que teve um brilhante exito, mercê do grande talento da Theodorini que é ainda a mesma extraordinaria cantora e extraordinaria comediante que o publico de Lisboa tanto applaudiu ha tres annos e hoje occupa sem contestação o logar proeminente entre todas as prima-donnas dramaticas do mundo lyrico.

Depois da *Gioconda* cantou-se com notavel exito tambem a *Aida*. Seguiram-se lhe o *Rigoletto* cujo exito foi mais duvidoso e o *Fausto* que cahiu redondamente na primeira noite.

N'estas quatro operas o publico fez conhecimento com todos os artistas da companhia, e caso pouco vulgar e que prova o tacto e competencia artistica com que essa companhia foi organisada pelo illustre maestro Augusto Machado, todos esses artistas agradaram.

Esses artistas são:

Helena Theodorini de quem já temos fallado muitas vezes e dito todo o bem que d'ella pensamos.

Theodorini está em plena posse de todos os seus excepcionaes recursos artisticos, e a sua potente voz parece que ainda mais se avigorou n'estes dois annos de ausencia. Uma grande cantora e uma grande comediante em toda a parte do mundo, e indiscutivelmente a *estrella* da actual epoca lyrica.

Nadina Bulicioff nossa conhecida cantora do anno passado. A mesma lindissima voz que sempre lhe applaudimos, realçada por mais arte e mais colorido no canto, colorido e arte que no anno passado lhe faltavam e que este anno a tornam muito mais completa.

Emma Leonardi uma boa cantora e uma lindissima mulher. Esplendida voz de meio soprano, segura, afinada, de bello timbre, e manejada com arte e vigor dramatico.

Linda Brambilla a soprano ligueira, de quem nos dizem maravilhas, que agradou muito na *Scala* de Milão, mas que ainda não podemos apreciar devidamente porque na noite do seu debute estava doentissima, doença que depois a prendeu ao leito por oito dias.

Gabrielesco um dos melhores tenores que tem vindo a Lisboa n'estes ultimos tempos. Voz lindissima, subindo com uma facilidade enorme. Alem da voz, Gabrielesco tem arte e talento o que não é vulgar nos tenores.

Moretti uma pessima voz de tenor ao serviço d'uma arte consumada de canto, arte que a faz ouvir com muito agrado e applaudir por vezes com muita justiça.

Menotti um dos barytonos de mais talento que Lisboa tem ouvido.

Devriés tambem nosso conhecido já, um artista muito distincto, muito correcto com quem se pode contar affoutamente: completamente senhor da sua arte e da sua voz que se não é das mais formosas se ouve sempre com agrado.

Encolani o excellente baixo que tem tantas sympathias em Lisboa pelo seu distincto talento artistico e pelas preciosas qualidades do seu caracter.

Wulmann artista novo para Lisboa e tambem novo no theatro. Uma bella voz pastosa e potente, mas cheio de inexperiencias ainda, tanto no canto como na maneira de representar.

Mancinelli o famoso regente d'orchestra, que passa por ser hoje um dos primeiros maestros-regentes que ha no mundo.

Já veem que com uma companhia d'estas pode-se fazer uma bella epoca lyrica.

Esperamos que assim seja.

Gervasio Lobato.

O DR. ANTONIO MARIA DE SENNA

O Dr. Antonio Maria de Senna, ha pouco fallecido com 49 annos incompletos, alcançou as mais altas posições officiaes: foi professor de medicina na Universidade de Coimbra, director do Hospital do Conde de Ferreira, membro electivo da Camara dos Pares e vogal da secção permanente do Conselho Superior d'Instrucção Publica.

E tudo isto deveu sómente ás suas poderosas faculdades e á persistencia do seu trabalho, por isso que, de nascimento humilde e pobre, elle não teve na vida as facilidades que naturalmente conferem as elevadas relações sociaes ou a posse da fortuna.

Filho de um modestissimo agricultor de Ceia que o destinara á carreira ecclesiastica, o Dr. Senna fez os seus primeiros estudos no Seminario de Coimbra e chegou mesmo a cursar a faculdade de theologia até ao quarto anno.

Mais de uma vez me fallou d'esses asperos começos de vida em que tudo—desde a reclusão nos annos da puberdade até á natureza especial dos estudos emprehendidos na juventude—contrariava profundamente as tendencias naturaes do seu espirito. Reagir contra o destino que lhe impunham, abandonar o estreito circulo das controversias theologicas pelo indefinido campo das investigações scientificas, trocar um futuro da escravidão mental pelas perspectivas de uma vida onde amplamente bracejassem as aptidões do seu cerebro, tal foi desde os primeiros passos na Universidade a recondita, mas bem definida aspiração do futuro alienista. Sómente, para realisal-a, elle antevia bem a necessidade de pelejar, desajudado, o amargo combate da existencia.

Não o venceu a previsão do perigo; e no mesmo dia em que na Universidade se fazia receber bacharel em theologia, passava no Lyceu de Coimbra o exame do ultimo preparatorio necessario ao ingresso nas aulas de sciencias naturaes.

Conhecendo amplamente a mathematica elementar, lançou-se então no ensino livre d'esta sciencia; e foi assim—fazendo cursos de algebra e de geometria, preparando por um fatigante trabalho de muitas horas em cada dia successivas gerações de estudantes para os exames d'essas cadeiras—que elle conseguiu os meios materiaes de levar a termo o seu curso de medicina.

Em Coimbra, onde a classe dos explicadores é numerosa e recruta uma parte dos seus membros no professorado official, a concorrencia é rude; armado, porém, de uma extrema clareza de exposição, de uma illimitada paciencia e de uma especial sagacidade para medir as aptidões intellectuaes dos alumnos, podendo fallar a cada um a linguagem mais adequada aos seus recursos, Senna conseguiu rapidamente as preferencias dos estudantes que lhe pejavam a casa.

Esse obscuro, mas difficil e penoso trabalho de iniciar espiritos novos e incultos na comprehensão de uma sciencia abstracta, que tudo reclama do frio raciocinio, só o avalia exactamente quem quer que uma vez o tentou; impõe-se, porém, a todos o seu caracter fatigante. Pois bem; d'esse aspero labor, tão cheio de responsabilidades, emergia em cada noite o moço academico para o estudo das lições universitarias. Dizendo-se que elle obteve sempre as primeiras classificações n'um curso que deu quatro professores ás escolas de medicina do paiz e que contava em si talentos como Daniel de Mattos, Augusto Rocha, Mattoso dos Santos e Teixeira de Queiroz, tem-se dado a medida do seu valor intellectual e do seu poder de applicação.

Doutorado em medicina em 1876, depois de uma brilhante defeza da these *Analyse espectral do sangue*, trabalho experimental que ainda hoje se lê com prazer e com proveito, Senna entrou no professorado universitario em 1877, passando a reger cadeira na ausencia temporaria do Dr. Costa Simões. Escolhido, pouco tempo depois, pelos seus collegas da faculdade para estudar no estrangeiro os adiantamentos da hystologia nervosa e da physiologia experimental, o Dr. Senna partiu em Outubro de 1878 para Paris, Vienna d'Austria e Berlim, d'onde regressou ao paiz no anno immediato. D'essa viagem scientifica existe impresso um pequeno *Relatorio* incompleto, documento official que poucos conhecem, fugitivamente escripto nos laboratorios francezes e allemães sob a immediata impressão das noções colhidas dia a dia e visando sómente a justificar perante a faculdade e o governo a applicação do seu tempo no estrangeiro.

Nomeado em 1882 pela Misericordia do Porto director do Hospital de alienados que se inaugurou um anno depois, o Dr. Senna devotou-se desde então á causa dos alienados, especialisando se

nos dominios da psychiatria e estudando com empenho, com amor, com ferverosa sollicitude o problema complexo da beneficencia publica d'esta ordem de doentes.

Desejoso de instruir-se sobre as condições propriamente nacionaes da questão que o reclamava, principiou por estudar pacientemente a historia da assistencia dos alienados portuguezes, seguindo atravez de esquecidos ou ignorados documentos todo o largo periodo que decorre desde as primitivas e incompletas installações especiaes do hospital de S. José, descriptas pelo Dr. Marchand em 1844, até á creação no Porto do amplo asylo que perpetúa a memoria do Conde de Ferreira. Em seguida estudou as disposições da nossa legislação civil em materia de loucura e colheu os dados necessarios para avaliar a cifra approximada dos alienados portuguezes.

Este vasto e interessante trabalho de historia e estatistica constitue o primeiro volume da obra *Os alienados em Portugal*, publicado em 1884.

Causou uma viva impressão nos circulos medicos do paiz esse volume em que pela primeira vez entre nós á erudita exposição documentada de miserias desconhecidas ou olhadas com indifferença se junctava o commentario nobremente apaixonado da incuria e desleixo officiaes.

Descrevendo os alienados na vida vagabunda, nos hospitaes geraes, no asylo de Rilhafolles, nas cadeias e nas casas de saude, mostrando a insufficiencia das disposições legaes destinadas a protegel-os, pondo em evidencia que só um numero relativamente diminuto d'estes infelizes recebem assistencia—essa mesma bem incompleta e bem precaria,—deixando fóra de duvida que successivos governos systematicamente desattenderam as auctorisadas reclamações de medicos que, como os Drs. Bizarro, Beirão, Bernardino Gomes e Pulido, se interessaram pela sorte dos loucos, o Dr. Senna fez simultaneamente um livro de sciencia e uma obra de protesto.

A parte do volume que descreve Rilhafolles como installação material e instrumento de assistencia medica aos alienados, foi, sobretudo, discutida. Não faltou quem visse n'essas paginas um exagerado emprego de côres escuras, um occulto e premeditado empenho de commover e indignar. Certo é, porém, que nenhuma voz se levantou então na imprensa ou nas sociedades medicas a defender o hospital de Lisboa, como nenhuma respondeu, annos depois, ao supremo desdem com que no seu livro *Lunacy in many lands* Georges Tuker se refere áquelle caso.

As accusações de exaggero não avançavam além dos conventiculos profissionaes, ficando de pé toda a critica do nosso collega ás condições hygienicas do edificio, á pessima alimentação dos doentes, á exiguidade da assistencia medica, ao abusivo e tumultuario emprego de meios contentivos, de longa data abandonados, na sua maior parte, nos hospitaes da Europa.

O segundo volume d'*Os alienados em Portugal*, publicado em 1885, contém uma detalhada memoria descriptiva do hospital do Conde de Ferreira, á qual o auctor junctou, como complemento natural, o Regulamento que elaborara em 83 e o governo approvou em decreto de 14 de Maio d'esse mesmo anno.

Não é nas columnas de um jornal litterario e n'um artigo biographico apressadamente escripto que póde fazer-se a analyse d'este ultimo documento. Mas não será descabido notar que nas suas linhas capitaes essa obra representa, pela cuidadosa descriminação dos serviços technicos e economicos, a mais feliz e sensata conciliação dos direitos superiores da administração hospitalar com o poder de que, sem estorvos, deve dispor o medico na direcção dos serviços.

Conferir ao chefe clinico de um hospital de alienados todas as funcções administrativas (e isso succede em muitos asylos estrangeiros) tem o inconveniente reconhecido de desvial-o dos estudos scientificos, a que naturalmente o chama a sua competencia especial, para lançal-o no exame dos problemas economicos que absorverão toda a sua actividade. Por outro lado, reduzir o director ás simples proporções de um clinico, alheando-o da inspecção de todos os serviços e tirando-lhe a acção immediata sobre o pessoal assistente dos enfermos (o que tambem acontece em alguns manicomios) é systematicamente privar o estabelecimento em que isto se dá das vantagens que, resultam da auctoridade effectiva d'um chefe que, pela sua qualidade de medico, melhor do que ninguem representa os interesses dos doentes e as necessidades scientificas do asylo.

No primeiro caso, o medico, por maiores que sejam as suas aptidões intellectuaes e a sua actividade, tornar-se-ha fatalmente um administrador por traz do qual se irá esbatendo e apagando o homem de sciencia. No segundo, porque não tem uma parcella de força propria e nas mais instantes necessidades do seu serviço — demittir, premiar, punir o pessoal das enfermarias — é posto na dependencia da administração, o medico sente a sua impotencia e, com isso, o desgosto e o desinteresse por tudo o que não seja a exclusiva observação psychiatrica.

Entre estes dois systemas oppostos e por egual defeituosos se collocou o dr. Senna, fazendo o *Regulamento* do Hospital do Conde de Ferreira. Dirigindo nos seus impedimentos e agora na sua irreparavel falta este estabelecimento a que elle fez uma tão grande reputação, tenho podido apreciar que não é senão vantajoso para o serviço o plano geral que elle adoptou e que, seja dito de passagem, corresponde ao que em França muitos alienistas preconisam como o mais util ás relações normaes dos directores de asylos com a Beneficencia Publica.

Um trabalho do dr. Senna que merece ainda ser mencionado, é o *Relatorio* dos serviços medico e administrativo do Hospital do Conde de Ferreira nos annos de 83 a 85. Alem das informações que é de uso conterem documentos officiaes d'esta natureza, o *Relatorio* em questão offerece aos estudiosos da psychiatria paginas de interesse sobre a nosographia mental.

Foi esta a ultima das publicações do fecundo psychiatra sobre os assumptos da sua especial competencia, mas não o seu ultimo serviço á causa dos alienados. Aproveitando a sua qualidade de membro do parlamento, onde entrara em 1887, o dr. Senna estudou um projecto de lei creando novos hospitaes e asylos de alienados no continente e ilhas; depois, por um pertinaz trabalho de successivas reclamações ao governo, de instancias junto dos politicos de todas as côres partidarias, de suggestões á imprensa, conseguiu que esse projecto, apresentado em côrtes pelo sr. José Luciano de Castro, então presidente do conselho, fosse approvado com ligeiras emendas, depois de uma breve discussão nas duas casas do parlamento, em junho de 1858.

As cartas que por esse tempo me enviava de Lisboa, deixam me entrever a accidentada historia do que elle justamente chamava a sua *campanha*. N'uma d'ellas, fazendo referencia a uns artigos meus, publicados na imprensa de Lisboa, sobre a necessidade de uma lei de hospitalisação dos alienados, escrevia-me: «Agradeço-lhe a sua cooperação Pela minha parte, principio a sentir-me cançado de luctar por uma causa, que não é geralmente comprehendida e muito menos *sentida* » E depois, ferindo a nota do desalento, que n'elle era excepcional, dizia-me: «Nada se fará; fica me, comtudo, a consciencia de ter trabalhado.»

O futuro desmentiu estas affirmações pessimistas, porque a lei de hospitalisação passou e, mesmo, por instancias ainda do dr. Senna, foi commettido ao distincto architecto do ministerio das obras publicas o encargo de projectar o novo asylo de Lisboa. Lembro-me bem do enthusiasmo do meu collega ao receber no Hospital do Conde de Ferreira, o sr. Parente da Silva, que nos vinha mostrar a planta provisoria d'aquelle edificio — um soberbo trabalho amorosamente concebido e superiormente executado. Possuido de uma expansão que estava longe de ser-lhe habitual, o dr. Senna quiz que a planta fosse vista por quantos no hospital poderiam comprehendel-a e aprecial-a; e assim, tendo em torno de si um numeroso grupo de empregados, elle proprio explicava o desenho, estendido ao longo de uma das paredes da sala de admissões, celebrando a concepção geral, elogiando os detalhes, pondo em evidencia todas as excellencias da obra e fazendo ao seu auctor os mais calorosos cumprimentos. Foi um bello dia, esse, que eu não poderei nunca esquecer!

Como vestigio da sua curta carreira parlamentar, o dr. Senna deixou-nos dois notaveis discursos a proposito do systema penitenciario, proferidos na camara alta em 5 a 7 de maio de 1888. N'esses discursos reproduz o extincto alienista as doutrinas de Lombroso sobre o *delinquente-nato* e a repressão penal. Poucos teriam a serena coragem de fazel-o n'uma assembléa tão naturalmente adversa ao espirito scientifico e aos pontos de vista da philosophia experimental. A parte propriamente pessoal d'esses discursos é aquella em que se analysa a procedencia da maioria dos criminosos destinados aos carceres penitenciarios e se mostra quanto lhes é inaplicavel o regimen estabelecido na lei de 1 de julho de 1867. As encomiasticas referencias de Virgilio Rossi a esta parte dos discursos dispensam-me de mais ampla noticia. Essas referencias, como os discursos a que venho de alludir, encontram-se em opusculo publicado em 1889 pelos editores brazileiros Teixeira e Irmãos.

No estio de 88 principiou o Dr. Senna a experimentar de um modo bem evidente os symptomas da doença que havia de prostral-o. Queixava-se então de um crescente declinar de todas as energias, de accessos dyspneicos durante a noite, de perturbações circulatorias succedendo aos mais ligeiros esforços musculares.

Não se fazendo observar, esperando ou simulando esperar de um hypothetico repouso o restabelecimento da saude, o Dr. Senna só em Maio de 89 se decidiu a pedir uma licença prolongada para ausentar-se do serviço hospitalar. Não sei bem se, a essa data, elle tinha uma clara idéa da doença, porque o vimos então nos mais contradictorios estados de espirito: desalentado umas vezes, fallava-nos de um desenlace fatal e dizia-se preparado para elle; outras vezes, porém, esperançado no tratamento, illudido, talvez, pela remissão de graves symptomas, projectava trabalhos, concebia ainda planos a realisar e chegava mesmo a insurgir-se contra o rigor e a severidade do regime que lhe era imposto e que julgava excessivo. Para o espirito do seu dedicado amigo e carinhoso assistente, o Dr. Daniel de Mattos, é que nenhuma duvida existiu, desde que o observou, sobre a diagnose e prognose da doença, a proposito da qual me endereçava em junho de 89 uma extensa carta de informação. Mezes depois, o professor Souza Martins, que em Lisboa solicitamente o assistiu durante todo o inverno passado, enviava-me d'elle as mais desoladoras noticias.

Impossivel duvidar, em face da concordancia de opiniões tão valiosas, que uma nephrite intersticial ia fazendo a sua marcha implacavel n'aquelle organismo originiariamente fraco e sem reservas de energia, consumidas n'um continuo trabalho de muitos annos. E foi, com effeito, aos progressos d'essa terrivel doença que succumbiu na madrugada do dia 14 de outubro — o primeiro para elle de absoluto repouso e inviolavel paz!

Novembro, 90

Julio de Mattos

AS NOSSAS GRAVURAS

MACAU

No constante empenho que, desde o principio d'esta publicação, temos tido em chamar a attenção do publico sobre as nossas possessões de alem mar, geralmente tão pouco apreciadas e conhecidas aqui, publicamos hoje em gravura uma vista da cidade de Macau, d'esse antigo emporio do commercio chins com a Europa, hoje consideravelmente decabido, em consequencia da incuria a que tem sido abandonadas todas as nossas vastas possessões, que tão cubiçadas vão sendo por estranhos.

Representa a nossa gravura a parte occidental da cidade, principal centro do commercio, vendo-se tambem o seu magnifico ancoradouro no braço do rio de Cantão.

Já os portuguezes tinham devassado a India e ali estabelecido seus arrayaes, quando, depois de repetidas visitas a Cantão e outros pontos da costa procurando estabelecer relações com os chinezes, o imperador da China Kin-tsing deu aos portuguezes a posse de uma pequena peninsula situada no extremo S. E. do imperio, em 22° 12′ 44″ de latitude N. e 112° 43′ 45″ de longitude L. e ligada por uma pequena lingua de terra á grande ilha Hiau-chan.

Esta dadiva do imperador do celeste imperio aos portuguezes, foi um testemunho de reconhecimento pelos nossos terem dado caça a um valente pirata Chan-si-lau, que com a sua gente assaltava todas as povoações chinezas do litoral.

Foi n'esta peninsula que os portuguezes estabeceram a cidade de Macau pelos annos de 1556 a 1557 sob o titulo *povoação do Santo Nome de Deus de Macau*.

Vá isto dito aos nossos *amigos* inglezes, quando responderam ás notas trocadas com o governo portuguez sobre o assassinato de uma sentinella nossa por uma força ingleza, que deu fuga a um preso inglez, de que Portugal não tinha motivo para reclamar porque Macau pertencia á China.

E tem Portugal mantido alliança com estes sujeitos vae em tres seculos!

INDIA PORTUGUEZA — MACAU

(Segundo uma photographia)

Nos primeiros tempos não teve Macau governo proprio vivendo sob a administração do governo de Gôa do qual se diz que só mandava para lá empregados incommodos, entre os quaes cita-se Luiz de Camões, o cantor das nossas glorias, que por uma d'estas contradicções tão frequentes na vida, teve em Macau, onde elle parece que concluiu o seu immortal poema, o prosaico emprego de provedor dos defunctos e ausentes na China.

Parece tambem que o poeta tomou parte na armada de Fernão Martins que d'aqui partiu para a India, e que foi tambem esta armada que bateu o pirata Chan-si-lau a que já nos referimos (*)

Não nos deteremos, porem, a historiar os primeiros tempos d'esta então florescente possessão portugueza, porque isso iria alem do nosso proposito e do espaço de que dispomos.

Bastará dizer que Macau prosperou rapidamente chegando a ser a primeira cidade commercial da o mais forte elemento de resistencia contra as repetidas intrigas dos chinezes e contra o machievelismo da sua politica arteira.

Avaliando a importancia moderna de Macau encontramos alguns dados estatisticos bastante eloquentes que fallam mais alto que todo o estylo que fizessemos.

Um d'esses dados diz-nos que em janeiro de 1884 os tres portos de Macau, Taipa e Colavane continham 2:678 embarcações nativas; o orçamento do governo de Macau de 1883 e 1884 accusava um saldo a favor de 111:783$630, saldo, que infelizmente deixou de existir nos ultimos annos, podendo a colonia dar-se por feliz em não ter deficit como por cá acontece.

A população de Macau segundo o ultimo resenceamento feito em 1878, é de 59:959 habitantes, havendo ainda no concelho da Taipa e Colavane 8:127.

Em consequencia, porém, da área dentro das antigas barreiras não ser sufficiente para a excessiva população chineza, começaram os Chins por estabelecer cinco povoações ruraes (duas a S. O. e tres a N. E. da *cidade christã*).

O *bazar* é exclusivamente habitado por Chinas e fica a O. da fortaleza do Monte, na parte que se liga á aba do outeiro e extende-se até á margem do porto interior, vulgarmente conhecido pela denominação de «rio de Macau».

E' cortado por uma infinidade de ruas estreitas e bêcos sem sahida, que constituem verdadeiros labyrinthos.

A qualquer hora do dia grande multidão de Chinas percorre estas vias publicas, os quaes no giro dos seus negocios fervilham de todos os lados.

O *bazar* é o centro commercial dos Chinas em Macau.

E' lá que estão estabelecidos os mercados da car-

FORTE DE SANTA CATHARINA NA BARRA DO MONDEGO

(Desenho do natural por J. R. Christino)

China entretendo o mais forte commercio com o Japão e a Europa.

O dominio dos Felippes em Portugal foi tão nefasto para o nosso paiz como para as nossas possessões e Macau soffreu bastante durante aquella epoca, pois que ao abatimento a que ali chegaram os portuguezes se juntaram as exigencias dos chinezes que não viam com bons olhos a importancia que os portuguezes chegaram a alcançar n'aquelle imperio, e ainda os assaltos dos hollandezes que tentaram asenhoriar-se da cidade, em 1622, tendo os nossos, em bem pequeno numero, que repelir o ataque, ficando os hollandezes completamente derrotados.

A existencia de Macau tem sido por assim dizer um eterno pezadelo para os chinezes e principalmente para Cantão, sempre receioso das propriedades de Macau, propriedades aliaz bem modestas se as compararmos com Hong-Kong.

Mas as condições naturaes de Macau tem sido

(*) Encontramos noticia d'este facto assim como outras interessantes notas a que nos soccorremos, no vol. *Macau* do sr. Bento da França, que faz parte da collecção da *Bibliotheca do Povo e das Escolas*.

Estes habitantes dividiam-se da seguinte forma:

Portuguezes na cidade de Macau.....	4:431
Chins............................	55:450
Estrangeiros......................	78
Portuguezes na Taipa e Colavane	43
Chins	8:082

Este recenseamento, porem, parece não ser a expressão da verdade, porque segundo a opinião do sr. Bento da França que ali chegou a principiar uma estatistica da população, que não poude concluir por se retirar para a Europa, a população não deve ser inferior a 100:000 almas, sendo portuguezes 5.000

Com respeito á descripção da cidade encontramos no livro *Macau* do sr. Bento da França, a seguinte que pedimos venia para transcrever:

«Depois que deixaram de existir as antigas barreiras da cidade, tem se esta extendido um pouco mais, comquanto ainda possamos dizer que se circumscreve quasi exclusivamente na área antigamente occupada, dividindo-se em *cidade christã* e *bazar* (a parte chineza).

ne de vacca ou de porco, das aves, do peixe, do arroz, dos legumes, hortaliças, fructas, etc.

Para qualquer lado que nos voltemos, encontramos estabelecimentos commerciaes, diversas especies de lojas, officinas, casas de pasto, vendilhões ambulantes, etc.

Estas ruas e casas, comquanto conservem os caracteristicos chinas, teem modernamente melhorado muito, com proveito da salubridade publica e da esthetica.

As enormes lagoas primitivas teem sido substituidas por mac-adam ou calçada á portugueza; desappareceram portanto as fendas no lagêdo que punham a descoberto os canos d'exgôtto.

As casas modernas já teem mais ventilação e luz; a agglomeração da gente é menor, posto que ainda se nos offereça o soez espectaculo da vida em commum com animaes domesticos de varias especies.

Os mercados de peixe e de carne tambem sahiram dos sitios apertados e faltos de ar em que se achavam.

Emfim, desde que o benemerito governador Ferreira do Amaral tomou a peito tornar effectiva a nossa soberania em Macau, tem-se trabalhado in-

cessantemente no saneamento e aformoseamento da cidade; e, se mais se não tem logrado fazer, a culpa cabe ao governo da metropole que lhe está sempre a absorver os rendimentos.

No *bazar* existe o theatro chinez, que se denomina *auto china*, por ter certa analogia com as antigas composições dramaticas (autos) em que se representava toda a especie de acção séria e burlesca.

Em varios pontos do estabelecimento teem os Chinas os seus pagodes, em parte dos quaes habitam os bonzos ou sacerdotes chinezes, sendo o culto exercido publicamente em todos.

Vejamos agora quaes são as cinco povoações ruraes mais antigas a que nos referimos, para depois nos occuparmos da *cidade christã*, como lá se lhe chama.

O primeiro d'estes bairros suburbanos fica proximo da fortaleza da Barra, e é por isso denominado povoação da Barra.

O outro acha-se na encosta do outeiro da Penha, onde está levantada a fortaleza do Bom Parto; chama-se povoação do Tanque do Mainato.

E' aqui que se encontram as mais bonitas vivendas de Macau, chamadas «chácaras».

As tres restantes povoações são a do Patane, a do Mong-há, e a de S. Lazaro.

A do Patane é de todas cinco a mais importante, já pela industria fabril, já pelo seu commercio, principalmente em madeiras de construcção.

Fica no littoral do porto interior, na especie de cotovello que a peninsula faz ao formar a enseada da ilha Verde, terminando onde começa a de Mong-há.

A povoação do Patane tem hoje tomado tão grande desenvolvimento, são tantos n'ella os estaleiros e estancias de madeira, que se pode considerar dividida em tres povoações, a saber: Patane propriamente dita (bairro hoje, a bem dizer, urbano), San kiu e Sa-cong (povoações ruraes e piscatorias).

E' entre o Patane e Mong-há que predominam as hortas e as varzeas.

A antiga povoação de S. Lazaro, hoje encorporada na cidade, está na continuação da parte christã, e é o recinto habitado pelos Chins que teem abraçado a nossa religião.

De todas estas povoações a mais insignificante é a do Tanque do Mainato, onde pouca industria e nenhum commercio ha.

Entre o Patane e Mong-há, povoações que se dilatam até ao isthmo, existem diversas hortas, nas quaes se encontram algumas centenas de cabanas humildes e choças, habitadas por agricultores e mendigos.

Grande parte d'estas hortas pertencem a Patane e Mong-há.

Os tegurios a que nos referimos foram-se accumulando em varios pontos, dando azo á formação de casaes e pequenos povoados, que estão agora semeados aqui e alli.

Afora estas povoações ha ainda a notar umas colonias fluctuantes que estacionam no porto interior e principalmente no Patane, em San-kiu, e em Sa-cong.

Existem alli numerosas familias que habitam em embarcações de maior ou menor lóte.

São varios os seus mestéres, taes como o de praticos da costa, o de pescadores, etc; n'este numero incluem-se muitas mulheres (*tancareiras*), que se occupam em conduzir passageiros e mercadorias para bordo dos navios fundeados e para as ilhas circumvizinhas, bem como d'estas e de bordo dos navios para Macau.

A cidade christã propriamente dita abrange a parte mais pittoresca de Macau, pois que, dilatando-se em todo o comprimento da Praia Grande, se extende depois por varias encostas, insinuando-se para um lado até á fortaleza do Monte e Gruta de Camões, que fica sobranceira ao Patane, ao passo que, para outra banda, se alastra até á fortaleza da Barra, contornando depois S. Lourenço, o Seminario de S. José, Santo Agostinho, e vindo ligar-se á outra parte proximo de S. Domingos, nas abas de S. Paulo do Monte.

D'aqui se deprehende que a área occupada pelo bazar, comparada com a da cidade christã, é consideravelmente menor.

A cidade christã tem sido invadida por habitantes chinezes; nos bairros chins é que raro moram christãos.

Além d'isto, na maior parte das casas de moradores portuguezes, ou estrangeiros, ha creados chinezes.

A arteria principal de Macau é a Praia Grande, que se acha povoada de elegantes edificações de architectura européa, terminando ao nascente por um vasto e luxuriante jardim publico.

O panorama que se desfructa d'algumas elevações é arrebatador e surprehendente (por exemplo, do pharol da Guia, da Gruta de Camões, ou ainda melhor da Penha).

As habitações dos Europeus são d'aspecto agradavel; ha algumas mesmo notaveis pelo tamanho e bom gosto; quasi todas as da Praia Grande teem os seus jardins e ostentam na fachada da frente grandes varandas ou galerias.

O palacio do Governo (antiga habitação dos Barões do Cercal) e o actual edificio dos tribunaes (ex palacio do Governo) são edificios dignos de especial menção.

O Theatro de D. Pedro V, cuja casa tambem contém o Club Macaense, merece a attenção do viajante, assim como tambem o pequeno mas elegante Gremio Militar não deve ficar esquecido.

A despeito de todos aquelles de que nos temos occupado, avulta como monumento o hospital de S. Januario.

Por ultimo ha ainda a notar: o Paço Episcopal, o Senado, a Santa Casa da Misericordia, o hospital de S. Lazaro, o de S. Raphael, o cemiterio de S. Miguel para os christãos, o dos protestantes, o dos parses, etc.

Na parte da cidade occupada pelos Europeus (nacionaes e estrangeiros) e pelos Macaistas, contam-se algumas ruas espaçosas e elegantes, predios importantes e de boa apparencia possuindo bastantes d'elles aprazíveis jardins e quintaes.

Nos arrabaldes da cidade encontram-se algumas quintas bem cuidadas, sendo para especialisar a residencia campestre dos Governadores, denominada Palacio da Flora, que hoje tem habitação e dependencias esmeradamente tratadas.

Occupemo-nos agora dos templos.

Ha em Macau varias egrejas (todas ellas), — se não sumptuosas, — pelo menos, bellas e muito cuidadas). Antes, porém, de tudo mais, — occupemo-nos da frontaria de S. Paulo.

Esta majestosa peça architectonica foi o que se poude salvar do incendio de 1835 que devastou o sumptuoso templo dos Jesuitas.

E toda de granito e de graciosa architectura grega, e está por tal sorte disposta que se vê de quasi todos os pontos da cidade.

Vem aqui de molde falar da Sé, que é uma das freguezias, citar S. Lourenço, S. Lazaro e Santo Antonio, mencionar o vasto Seminario de S. José, a egreja de Santo Agostinho, a de S. Domingos e Santa Clara, não convindo deixar no olvido as ermidas de Nossa Senhora da Guia e da Penha de França.

Antes de pôrmos ponto n'esta summaria descripção da cidade do Santo Nome de Deus, parece-nos util dar uma idéa do numero de vias publicas existentes na cidade e suburbios, cifra que decerto não anda por menos de 600 a 650 (sendo, pouco mais ou menos, 200 a 250 na cidade christã, 100 a 150 no bazar, 85 a 90 no Patane, 80 a 85 em Mong-há, 40 a 45 em S. Lazaro, 15 a 20 no Tanque do Mainato, 25 a 30 na Barra, e as restantes em San-kiu e Sa-cong, etc., etc.).

D'entre as construcções chinezas ha a notar os quatro principaes pagodes, suas pittorescas cêrcas e mais accessorios sempre collocados entre penedos e copadas arvores.

Dos principaes pagodes, a que nos vimos referindo, acham-se situados, um no Patane, outro em Mong-há, o terceiro proximo das Portas do Cêrco, e o ultimo, que é o mais formoso, nas immediações da fortaleza da Barra.»

A força militar que existe em Macau, é bastante diminuta para fazer respeitar devidamente a auctoridade portugueza, o que dá logar a repetidos conflictos com os chins como o que ainda ultimamente ali se deu de nos tomarem a fortaleza de Passaleão, tão heroicamente tomada pelo alferes Mesquita em 1849, um bravo portuguez que obrou prodigios de valor.

Terminando esta breve noticia faremos a descripção da gravura para melhor intelligencia do leitor.

A vista que publicamos é tirada do alto da Penha; para a direita avista-se na distancia um ponto escuro que é a gruta de Camões, as montanhas que se veem ao fundo pertencem a Anção ou a Hiamxan da ilha de Ngão-men, a maior do Golpho em que desagua o Cantão; para a esquerda avista-se por ordem primeiro a praia de Manduco, a Praia Pequena ao lado da qual está a povoação chineza denominada Bazar, segue-se a praia do Terrafeiro.

A pequena ilha que se vê a meio do rio é a ilha verde, que até 1762 foi propriedade dos jesuitas e onde hoje está o seminario.

A parte principal da nossa gravura representa o centro commercial da cidade onde os edificios são mais importantes.

FORTE DE SANTA CATHARINA NA BARRA DO MONDEGO

Situada na Foz do Mondego e estendendo-se pelas praias do Atlantico está a cidade da Figueira, uma cidade moderna, desenvolvida sobre uma villa que na sua origem era apenas uma povoação de uns 300 habitantes, na maior parte pescadores.

Não é, porém, da formosa cidade que hoje nos propomos tratar, porque d'ella já o OCCIDENTE[1] se tem occupado d'outras vezes, mas sim do forte de Santa Catharina que defende a barra do Mondego, e se acha representado na nossa gravura.

O forte de Santa Catharina, tão antigo como a povoação que elle defende, assenta sobre rochedos que formam o vertice do angulo cujos lados é a margem direita do Mondego e o Atlantico.

Parece surgir d'entre as aguas esta fortaleza contra que o mar se levanta alteroso, quebrando as ondas nos rochedos e nas muralhas com furiosa investida.

E' este soberbo espectaculo o que ali se observa quando os ventos do Oceano vem agitar o mar junto da costa.

A defeza que este forte pode operar é insignificante em presença da artilheria moderna, como a maior parte das nossas fortificações da costa, entretanto bem artilhado e guarnecido ainda seria para respeitar.

No tempo da guerra dos francezes deu-se ali um facto glorioso para as nossas armas, pois que estando o forte de Santa Catharina em poder das tropas de Napoleão, um punhado de portuguezes, á frente dos quaes se achava Bernardo Antonio Zagalo, sargento de artilheria do corpo de voluntarios academicos de Coimbra, e Antonio Ignacio Cayolla sargento do regimento de Peniche, obrigou os francezes a renderem-se e entregarem o forte aos portuguezes, trazendo estes prisioneiros para Coimbra os soldados francezes.

Esta victoria foi importante para a expulsão das forças francezas que occuparam Portugal.

FIGURAS SOBREPOSTAS

Esta nossa gravura é demonstrativa de um innocente passatempo, que fornece ao leitor o modo de entreter alguns pequenos ocios.

E' simplissimo este processo de figuras sobrepostas.

Tomae duas folhas de papel almaço, e dobrae uma d'ellas em tres partes eguaes no sentido de sua maior extensão, e a outra dobrae-a do mesmo modo no sentido da sua menor extensão.

Separae depois uma das dobras em cada uma das folhas cortando-as pelos pontos D C e A B, ou seja um terço de cada folha M e N.

Os dois terços restantes terão a mesma superficie mas não tem a mesma forma o que os torna impossivel de se sobreporem ajustando com exactidão um sobre o outro.

Ora tracta-se justamente de os tornar sobrepostas, o que é facilimo.

Dobra-se em tres partes iguaes o bocado da folha que se separou do bocado M, mas d'esta vez no sentido da sua menor extensão e recortando-se este bocado de folha pela linha quebrada L K, K J e J I, obtem-se dois bocados compostos um dos rectangulos 1, 2 e 3 e outro dos rectangulos 4, 5 e 6.

Tomando nas mãos estes dois bocados e collocando-os um em frente do outro, como a nossa gravura mostra, isto é, de modo que os rectangulos 4, 1 2 fiquem na mesma linha horizontal assim como os rectangulos 5, 6 e 3, ter-se-ha resolvido o problema do modo mais facil, ainda que á primeira vista tenha parecido impossivel obter-se.

A POLVORA SEM FUMO

A descoberta e aperfeiçoamento da polvora sem fumo é hoje uma das coisas que mais preoccupa o espirito dos que estudam a arte da guerra, e com razão, porque tal descoberta importa profundas modificações nos armamentos, no modo de defender e no de atacar, etc.

Em todos os paizes se estuda n'este momento esta descoberta, e em Portugal tem-se feito ultimamente algumas experiencias de polvora sem fumo, com bom resultado.

No interesse de vulgarisar os conhecimentos que tantos podem utilisar, transcrevemos, com a devida venia, da excellente publicação *O Exercito Portuguez*, o seguinte artigo sobre este assumpto que nos parece de todo o ponto interessante:

[1] Vid. OCCIDENTE, vol. VI, pag. 3, 4, 34, 44, 123 e 125.

«Acceitemos a falsa qualificação *sem fumo* como mais uma manifestação da tendencia hyperbolica do espirito humano, e não supponhamos que o *não ha fogo sem fumo* deva ser banido do grande livro em que se condensa a sabedoria dos povos. Mas a hyperbole não pára alli: os inventores das novas polvoras não se contentam com apregoar a ausencia do fumo, senão que até supprimem a detonação ou a tornam quasi insensivel.

Pondo, porém, de parte a exaggeração, é certo que em mais de um paiz se tem conseguido alliar elementos para a constituição de uma polvora que, explodindo, se torne em gazes incolores e ao mesmo passo attenue o ruido da explosão.

Obter um explosivo que, a par de uma energia reclamada pela adopção dos calibres reduzidos, dê apenas gazes transparentes, não é inverosimil, nem tão pouco difficil perante o estado das sciencias. E, se ahi parasse o problema, certo que se deveria considerar resolvido inteiramente, não só por este ou por aquelle paiz, mas por todos. A difficuldade vae, porém, mais adeante, pois é mister que outras circumstancias sejam attendidas, a fim de que aquellas vantagens não fiquem prejudicadas.

Se estudarmos attentamente as condições geraes a que hoje deve satisfazer uma polvora de guerra, veremos que, para que ella seja preferida e adoptavel, será necessario:

1.º Que a sua força de projecção produza maior velocidade inicial, alcance mais extenso e trajectoria mais extensa;

2.º Que o recúo seja minimo;

3.º Que o peso e o volume da carga se tornem assás pequenos para que o soldado possa transportar o maior numero possivel de cartuchos;

4.º Que a tensão desenvolvida pelos gazes não offenda as paredes do cano;

5.º Que o calor desenvolvido na combustão não seja excessivo a ponto de deteriorar a arma de fogo e de queimar ou molestar a mão esquerda do atirador;

6.º Que os productos da combustão não sejam gazes deleterios;

7.º Que os mesmos productos não ataquem chimicamente os canos das espingardas;

8.º Que os elementos da mistura ou combinação existam em abundancia na natureza;

9.º Que o composto seja susceptivel de receber a forma mais conveniente;

10.º Que o fabrico não offereça grandes perigos;

11.º Que não se combustione espontaneamente;

12.º Que se não deteriore com o tempo;

13.º Que não seja excessivamente cara;

A apreciação de todas estas condições só se poderá liquidar depois de porfiadas experiencias; e não bastará queimar muita polvora, senão que será preciso atirar sempre com cartuchos embalados.

Sendo certo que a carga é um elemento correlativo do systema da espingarda, e exigindo os pequenos calibres uma reducção n'aquella, mister será pedir ao explosivo uma maior energia. Ora, é precisamente ahi que reside a difficuldade; porque, recorrendo-se aos explosivos energicos, é quasi inivitavel que alguns dos preceitos acima enunciados serão offendidos, sendo muito de recear que as pressões exercidas nas paredes dos canos cheguem a vencer o limite de resistencia d'estes.

Estas considerações induziram já alguns technicos a affirmarem peremptoriamente que a desejada polvora sem fumo exige necessariamente uma nova espingarda. E com relação ás boccas de fogo, sustentam que será indispensavel voltar ao bronze.

Outros ha que se esquivam a crer em uma polvora que satisfaça a todos os requisitos exigiveis, assegurando que a umas vantagens corresponderão sempre alguns inconvenientes.

Não obstante as difficuldades expostas, muitas nações estão já de posse de varias formulas e tratam de experimentar no campo os novos productos e de trabalhar afanosamente no seu aperfeiçoamento.

Não devemos deixar-nos vencer das suas affirmações optimistas, segundo as quaes mais de uma nação teriam já chegado á formula suspirada. E' certo que a França, a Allemanha, a Austria-Hungria e a Italia teem já procedido a muitas experiencias; mas, lembrando-nos que as feitas o anno passado pela Allemanha foram executadas sem bala, pouco concludentes se devem considerar.

* * *

Pretenderam os americanos a honra da prioridade nas tentativas para a obtenção de uma polvora sem fumo, mas parece inquestionavel que o invento pertence exclusivamente á França, tanto mais que, não se fallando no mundo militar de ensaios de tal natureza, Mr. Vielle chegou inopinadamente á polvora sem fumo tendo por objectivo das suas investigações uma polvora conveniente para o fusil *Lebel;* cujo pequeno calibre, pedindo bala e carga pequenas, exigia da polvora maior força propulsiva. E o facto da Academia conferir a Mr. Vielle o premio Lecomte de cincoenta mil francos robustece aquella idéa.

São já em grande numero as polvoras ensaiadas, algumas das quaes foram postas de parte e outras foram adoptadas por algumas nações, talvez provisoriamente.

De algumas conhecem-se no todo ou em parte os seus elementos componentes e os modos de preparação; a respeito de outras, porém, pouco ou nada se sabe, porque constituem segredo de estado ou dos seus inventores.

Diremos o que se sabe ou consta da maior parte d'ellas.

Polvora Vielle. — Está adoptada em França desde 1887. E' de côr parda, de forma parallelipipeda, detona com pouco ruido e produz uma debil nuvem azulada que logo se esvae. O recúo é pouco sensivel, a sua força de projecção consideravel. No dizer dos francezes, nenhuma outra se inventou ainda com qualidades equivalentes, porque, a par dos seus notaveis effeitos balisticos, não offerece perigo a quem a prepara e conserva-se inalteravel. E parece que as experiencias tem continuado a confirmar os bons creditos de que começou logo a gosar. Da sua composição guarda-se o maior segredo.

Polvora Abel. — Privilegiada em 1886 na Inglaterra, sob o nome de *Smokeless explosive*, dizem ser composta de 100 partes de nitro-cellulosa secca e pulverulenta e de 10 a 50 de nitrato de ammoniaco deseccado. Ligam-se estas substancias com petroleo até o estado pastoso conveniente. Parece que os resultados obtidos com esta polvora não forem muito satisfatorios, porquanto sir Abel inventou posteriormente outra, conhecida pelo nome de

Cordita. — E' de estructura filamentosa e diz-se que a sua base é uma gelatina.

Polvora Gaens. — E' hamburgueza. A sua formula passa por ser a seguinte: Nitro-cellulosa, 25 partes; salitre 60; ulmato de ammoniaco. Dissolve-se tudo em ether acetico, comprime-se a massa e secca-se. Diz o inventor que não dá productos deleterios e é barata.

Papel polvora de Wetteren. — Esta polvora belga obtem-se dissolvendo em acetato de amylo uma mixtura de nitro-cellulosa e de nitrato de baryta. Dá bastante fumo, deixa algum residuo e a tensão dos *gazes* é muito grande e irregular.

Polvora Hengst. — E' allemã. A crer-se no que d'ella affirmam, não dá fumo nem chamma, não suja o cano da arma, não o aquece, e o ruido e o recúo são pouco sensiveis. E' obtida pelo tratamento da palha de aveia com acido sulfurico concentrado mixturado com acido azotico. E' depois lavado o producto em agua quente e a seguir em uma solução de carbonato de potassa até que não accuse acidez, e por fim em agua pura para lhe tirar a reacção alcalina. Immerge-se depois em uma dissolução aquosa de nitrato, chloreto e permanganato de potassa e sulfato de zinco, comprime-se e molda-se.

Polvora Westphalia. — Adoptada pela Allemanha, parece ter por base a cellulosa. Tem bastante energia, apezar de dar pressões moderadas, produz muito pouco fumo e o recúo é muito pequeno. E' muito hygrometrica.

Polvora Schwab. — Usada hoje na Austria, attribuem-lhe grandes qualidades, taes como ser pouco densa, dar pouco fumo, ser fraco e secco o ruido e produzir a velocidade de 630 metros. Todavia accusa pressões quatro vezes maiores que a polvora ordinaria. E' um algodão nitrado que, depois de reduzido a pedaços e granulado, recebe uma pintura de collodion e de plombagina.

Polvora Dougell. — E' ingleza. Tem por base a cellulosa, exhala um cheiro fortemente sulfurado. Augmenta consideravelmente a velocidade com metade da carga de polvora ordinaria. O recúo é menor.

Polvora Nobel. — Esta polvora é preparada pela casa Armstrong. Tem a apparencia da gelatina explosiva. Com 3 gr. de carga dá a velocidade de 610 metros, mas aquece muito a arma, augmenta o recúo, ataca o cano e sae carissima. Todavia a Italia adoptou-a provisoriamente. Ultimamente o capitão Nobel modificou a sua formula no intuito de lhe supprimir total ou parcialmente a camphora que n'ella figurava, por conhecer que este elemento, por muito volatil, não deixava obter productos sempre constantes. Segundo esta ultima formula, mixturam-se em partes eguaes a nitro glycerina e a dinitro-cellulose, ajuntando-lhe benzina, que depois se faz evaporar seguindo-se logo as operações de laminação e granulação.

Muitas outras polvoras teem sido inventadas, de que não faremos menção por mais ou menos abandonadas.

(Continua)

A COMEDIA DA VIDA

O ROMANCE D'UM AMANUENSE

XXV

— Está bem de ver, está bem de ver! approvou tambem a mãe do Dominguinhos, olha eu era de S. Julião, e teu pae de Santa Justa e Rufina, e casamo-nos em S. Domingos, o santo que te deu o nome...

— E' verdade! ahi tens! Ora a filha do Leitão não é menos do que tu, nem meu filho é menos do que eu, e por isso o casamento hade ser na Magdalena, ou em parte nenhuma, decidiu o sr. Pereira muito nas suas tamanquinhas.

— Mas, começou a ponderar o Quim procurando com a sua adversativa deitar agua na fervura.

— Não ha cá *mas* nem meios *mas*, eu casei em S. Domingos elle hade casar na Magdalena.

— Mas, insistiu o Quim não desistindo do seu proposito conciliador, mas talvez o senhor casando com sua esposa em S. Domingos obedecesse a outro motivo que não a essa supremacia do varão no seio da familia.

— Outro motivo! Então que motivo havia de ser! perguntou muito espantado o sr. Pereira.

— Eu sei lá! por exemplo o seu filho!...

— O meu filho! repetiu o pae do Dominguinhos abrindo muito os olhos sem perceber a idea do Quim.

Elle então explicou:

— Sim como o seu filho se chamava Domingos talvez os senhores por isso quizessem casar-se na egreja que tinha o nome d'elle.

O Pereira que já estava de má catadura com a teima da familia Leitão em querer por força que o casamento se fizesse em S. José, ergueu-se n'um impeto, que fez recuar assustado o Quim e a irmã, e gritou como um posseso:

— O senhor insulta-me?

— Eu senhor Pereira! Que idéa! respondeu o Quim muito admirado. Eu insultal-o!

— Ah! então isso não é um insulto, uma provocação?

— Isso o que!

— O que o senhor acaba de dizer, o tal seu motivo..

— Mas... é natural.

— Pois sim, mas o meu filho é que não é.

— Não é o que!

— Não é natural!

— Pelo amor de Deus, meu amigo bem sei isso e longe de mim a intenção de por sombras sequer duvidal-o.

Eu não duvido da naturalidade do Dominguinhos.

— Ah! não duvida!

— Não senhor, Deos me livre de tal.

— Não senhor, Deos o livre de tal e então diz que nós quando casamos já tinhamos o nosso filho..

— Eu!

— Sim, o senhor. Para nós escolhermos a egreja de S. Domingos para nos casarmos por se chamar Domingos o nosso filho era preciso que já o tivessemos. E' claro como agua.

— Tem razão, tem razão, disse o Quim cahindo em si, mas juro-lhe sr. Pereira, que disse isso por dizer, sem reparar no que dizia...

— Sim coitado! interveio a esposa do sr. Leitão, abrandando os justissimas furias do seu marido, elle disse isso porque como desde que nos conheceu nos conheceu sempre com o Dominguinhos, imaginava que sempre o tinhamos tido...

— Exactamente, exactamente, confirmou logo o Quim.

— Elle é muito destrahido, anda sempre nas nuvens, desculpou a Emilinhas.

— Pois sim, mas uma pessoa quando falla tem sempre obrigação de saber o que diz...

— Eu peço-lhe mil desculpas, sr. Pereira, mas juro lhe, protestou o Quim, juro lhe por tudo que ha de mais sagrado que não era de fórma alguma minha intenção offendel-o, e que retiro completamente e para todos os effeitos o meu motivo de S. Domingos.

— Então, papá, se elle retira o motivo de S.

Domingos, aconselhou o Dominguinhos morto por ver terminado o incidente.

— Bem, não fallemos mais n'isso. Onde não ha intenção não ha offensa.

— E' claro, confirmou o Quim muito contente por se saíer tam bem da alhada em que imprudentemente se mettera.

— E agora menino, disse a sr.ª Pereira voltando-se para o marido e pondo se em pé, vamo-nos embora, que estamos a tomar o tempo á Emilinhas.

— Oh! de maneira nenhuma! Dão-nos muito gosto! disse a Emilinhas.

— Immenso gosto! corroborou o Quim.

— E temos ainda mais visitas que fazer, concluiu a mãe do Dominguinhos.

— Então como quizerem. Incommodo não nos dão nenhum mas se tem que fazer, condescendeu logo a Emilinhas.

— Ah! lá isso decerto! Incommodar V. Ex.ᵃˢ é que nós não queremos de modo nenhum, acolytou o Quim.

— Andamos a correr a via sacra, disse o sr. Pereira já galhofeiro e bonacheirão.

— E uma massada! lamentou aborrecido o Dominguinhos. Eu podia perfeitamente deixar de vir...

— Ah! Isso é que não! O noivo não póde faltar a estas visitas protestou logo a mãe. Não é assim Emilinhas, que é da praxe?

— Eu não sei, nunca me casei, tornou rindo a irmã do Quim.

— E, é da praxe, confirmou o Quim, não porque soubesse coisa alguma d'isso, mas por que entendia dever de gratidão, approvar aquella que o tinha salvo do seu apuro.

— Já se vê que sim, disse o pae Pereira. Eu bem sei que não é nada divertido...

— Inteiramente nada corroborou o Dominguinhos.

— Mas por isso mesmo é bom que tu faças estas visitas.

— Por não serem divertidas?

— Exactamente.

— Ora essa! Porque!

— Para ires aprendendo que uma pessoa não se casa para se divertir...

— O Quim festejou o gracejo philosophico do pae do Dominguinhos com grandes gargalhadas lisongeiras.

— Bom, bom, se elle principia a dar á lingua não sahimos hoje d'aqui; notou a sr.ª Pereira. Vamonos embora.

— Vamos, vamos lá continuar a cumprir a penitencia, disse o sr. Pereira estendendo a mão ao Quim.

— Adeus minha querida Emilinhas, e então não falta hein!

— Não faço essa tenção.

— E o seu mano tambem, ouviu?

— Sim minha senhora, muito obrigado a V. Ex.ª agradeceu o Quim. Se Deus me der vida e saude d'hoje a oito dias lá estarei a ver o enlace matrimonial do Dominguinhos.

— A' uma hora! Não se esqueça!

— Sim senhora, á uma hora em S. José.

— Não senhor, na Magdalena, emendou logo o sr. Pereira, começando outra vez a embezerrar.

— Ah! sim, sim, na Magdalena, apressou-se em emendar tambem o Quim, receiando ver de novo resurgir a questão das egrejas.

— Na Magdalena que é a freguezia do noivo.

— Sim, senhor, sim senhor e é como deve ser, approvou logo o Quim Barradas.

— O homem é o chefe da familia e por isso a familia se hade constituir na egreja do chefe ou então não se constitue em parte nenhuma.

— Tem muita razão.

— Mas papá, um homem deve ter sempre certas attenções para com a sua noiva, ponderou o Dominguinhos que começava a ver que aquella teima de seu pae podia dar de si trapalhada e trapalhada grossa.

— Deve ter attenções em tudo, menos na egreja.

— D'accordo! D'accordo! appoiou logo o Quim.

— Então vamos, filho! disse a mãe do Dominguinhos ao seu marido beijando pela quarta vez a Emilinhas.

— Vamos! Vamos depressa antes que o caldo arrefeça!

E sahiram finalmente.

A Emilinhas e seu irmão foram como era da etiqueta ao tempo em certas visitas de consideração especial, á janella dizer adeus aos Pereiras.

— De hoje a oito dias, não falte! E' a uma hora lembrou lá da rua já a sr.ª Pereira.

— Na Magdalena, accrescentou o sr. Pereira.

— Sim senhor na Magdalena responderam da janella os dois.

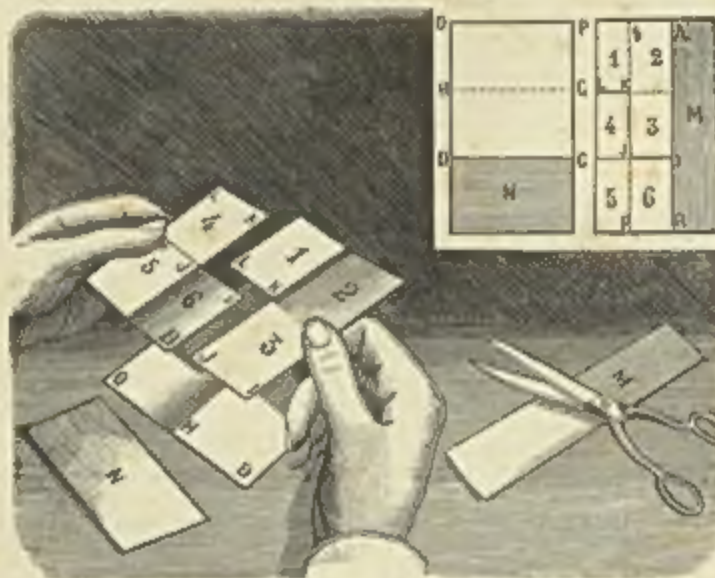
E a Emilinhas e o Quim estiveram á janella dizendo adeus e fazendo acenos com a cabeça, até verem a familia Pereira voltar a esquina.

Gervasio Lobato

(Continúa)

REVISTA POLITICA

De ha muito que a imprensa politica se não apresenta tão comedida, tão urbana, que não irrita o lêr as suas columnas assucaradas que parecem tiras de abobora coberta, a contrastarem com as malaguetas picantes que ainda ha pouco offerecia ao publico, por sua parte tão irritado como ella.

Dir-se-hia que atravessa um periodo anormal essa imprensa, que de resto tão pouco dada é a estas blandicias e corduras, que a sua phraseologia

FIGURAS SOBREPOSTAS

pouco limpa foi o que mais provocou a lei das rolhas, no dizer de aquelles que acharam um delicioso rebuçado a tal lei.

E já que fallamos n'esta lei draconiana, não deixaremos de notar uma certa curiosidade que vae por ahi sobre o que o governo fará á tal lei, visto que no seio do governo estão dois jornalistas que mais a combateram e se escandalisaram com ella.

Tem-se chegado a fallar até n'uma amnistia que vae apparecer para os varios criminosos que aguardam a sentença condemnatoria.

Mas esta noticia que em outra occasião seria de certo effeito, no actual momento pouco despertou o espirito publico mais interessado com a noticia do *modus vivendi* com a Inglaterra, que appareceu n'estes ultimos dias, coisa afinal de maior importancia que os taes crimes de imprensa que não fizeram mal a ninguem.

É pois sobre o *modus vivendi* que incide a attenção do publico, uma attenção pacata, que não traz mal ao mundo, que não se parece nada emfim com a attenção exaltada indemoninhada com que pouco antes tinha seguido os negocios publicos.

Esta attitude pronunciadamente pacifica não deixa de significar a confiança que por emquanto lhe merece o governo, tanta confiança que nem se insurge já quando sabe que o mesmo governo vae decretar a livre navegação do Zambeze e do Chire, base do *modus vivendi*, por elle proposto ao gabinete de S. James.

Esse *modus vivendi*, que se diz estar em bom caminho de ser acceite pelo governo inglez, é pouco mais ou menos o seguinte, e dizemos pouco mais ou menos, porque ainda não veiu a publico officialmente.

A Inglaterra abandonando o tratado de 20 de agosto, entra em novas negociações com Portugal, obrigando-se, durante o interregno que o *modus vivendi* estabelece, a não celebrar nem ella nem a companhia *South African* nenhum tratado de vassalagem com regulos dos territorios reconhecidos como sujeitos a Portugal pelo referido tratado, ficando nullos quaesquer tratados que tenham sido celebrados durante a pendencia, como a vassallagem de Mutassa.

Portugal declara livre para todas as nações a navegação do Zambeze e do Chire, obrigando-se a facilitar o transito de pessoas e mercadorias assim como o serviço postal. O *modus vivendi* fixa seis mezes, d'entro dos quaes se negociará um novo tratado cujas bases se iniciarão em Lisboa.

E, portanto, posto completamente de parte o tratado de 20 de agosto, do qual apenas se aproveita como base do *modus vivendi* a delimitação dos territorios portuguezes que o mesmo estabelecia.

E isto o que se sabe por ora do *modus vivendi*, que segundo se diz muito breve será publicado no *Diario do Governo*, logo que tenha sido assignado por lord Salisbury.

Ora este *modus vivendi* que tem impressionado agradavelmente uma grande parte do publico, não deve admirar ninguem, porque depois do desastre do tratado de 20 de agosto, só haviam duas cousas a fazer: ou romper completamente as relações com a Inglaterra, já que se não tinham rôto em 11 de janeiro, ou esta havia de acceitar uma moratoria para se entabolarem novas negociações.

Optou-se pela segunda visto que a primeira não conviria a nenhuma das partes, mas como ao *modus vivendi* se ha de seguir um tratado, para elle é que todos devemos olhar, para então sabermos porque preço nos sae.

Não confiamos nada no tal *modus vivendi*, que para amostra se diz que põe de parte o tratado de 20 d'agosto, quando a final o toma por base para a questão de limites de territorios, e começa por declarar livre a navegação do Zambeze e do Chire.

O espirito demasiadamente pratico do bretão fica perfeitamente satisfeito desde que os territorios que elle queria e a livre navegação do Zambeze e do Chire lhe estão garantidos, e d'este modo elle acceita quantos *modus vivendi* o governo portuguez quizer, visto que o mesmo governo se contenta com esta questão de nome.

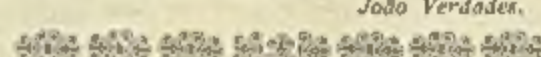
Quando os bretões, sem estar ainda approvado o tratado nem estabelecido o *modus vivendi*, foram mettendo pelo Zambeze as suas canhoneiras e material de guerra, é facil imaginar o que estes cavalheiros farão com a approvação tacita que o *modus vivendi* lhe confere á sua rapina.

Muito ingenuos estão sendo estes portuguezes em face das espertalhões de lá e dos especuladores politicos de cá.

Decididamente todo esse patriotismo que veio ahi á suppuração foi fogo de vistas preparado por varios pyrotechnicos que não pagam imposto do officio.

Para nos consolar-nos, pois, cá temos o *modus vivendi*, que é precisamente o caso do dizer «emquanto o pau vae e vem folgam as costas».

Resta ver que tal será a paulada final.

João Verdades.

Typ. e lyth. de Adolpho, Modesto & C.ª

Rua Nova do Loureiro, 25 a 43